

MEMÓRIAS ARAUCÁRIAS

ALINE SVIATOWSKI

Penalux, 2021



Um VHS da infância

Começo de Julho. O Décimo Terceiro Batalhão de Infantaria Blindado, vulgo 13º BIB, dispunha em um campo aberto e externo aos seus muros vários de seus militares para a organização da tradicional Festa Julina. Mais que tradicional, épica.

A festa começava na preparação, que instigava a atenção dos moradores de Uvaranas. Havia troncos de árvores formando um prisma de base quadrangular com, ao menos, quinze metros de altura. Em contraponto, a percepção do mundo externo é altamente influenciável pela idade do observador. Para mim, uma mera criança dos anos noventa, era o Empire State Building sendo construído anualmente no bairro de Uvaranas.

E o Empire State vibrava ao calor do fogo. O momento memorável das sete horas da noite: foguetes explodiam no céu, pessoas – juntas, sem vírus ou máscara – em senso comunitário batiam palmas para a exímia equipe organizadora desse evento ímpar. Escola de samba nenhuma provocava, com o carnaval, o mesmo brilho no olhar das pessoas que aquela estratosférica fogueira em noite fria

As chamas cresciam com os olhares dos espectadores centrados no iminente perigo e grandiosa beleza. O fascínio do fogo–tal como há quatrocentos mil anos–reunia os homens. Antes *erectus*, hoje *sapiens*. Todos em temor e maravilhamento, próximos para enxergar a luz queimar e subir ao. As pequenas fagulhas subiam como se quisessem dançar na atmosfera em ato de liberdade.

Após a icônica fogueira acender dentro de todos as lembranças milenares que nos fizeram evoluir como espécie, eu em meu metro de altura puxava a camiseta de meu pai apontando para a ação: o passeio no tanque de guerra.

Dentro dos meus nove anos de idade havia uma anciã que, com espírito aventureiro, almejava pelo passeio naquele enorme desbravador. Enorme e barulhento. Não é possível afirmar o que era mais chamativo naquele imponente veículo: seu barulho, peso, poder ou vibração causada no chão. Ali, eu era indestrutível. E gigante.

Enquanto eu vencia batalhas e guerras dentro daquele veículo, o tempo rebobinava (porque nos anos noventa, para voltar só rebobinando). Eu era uma valente exploradora, que na inocência da infância jamais seria capaz de aniquilar outro ser humano, como em real guerra. Eu era uma guerreira vencendo a guerra contra o Mal: os nazistas ou os aliens.

“Acabou o passeio, hora de voltar à realidade”. Desci, ou melhor, fui descida para o chão. A fita voltou à velocidade normal. E minha lente captava tudo. O bairro de Uvaranas e os céus “princesinos”, eram palco e arquibancada da festa do frio. A falsa pescaria, o falso casamento, a brincadeira inocente. O quentão que aquecia o esôfago, o estômago e todo o sangue. A pipoca que salgava o céu da boca. O rachado do lábio diante do frio que não resistia à maçã, cheia de amor: porque todos que mordiam o caramelo vermelho para sentir a fruta sentiam-se mais amados. Acabou a fita. Contudo, vinte anos depois, está sendo revelada.

Trem das onze – ou das seis

A pista de atletismo do campus da Uepg. Ovalada. Suas placas quadrangulares de asfalto sobressaíam-se, destacadas umas das outras. Domingo após as cinco da tarde, era o momento sagrado na família em que todos praticavam o atletismo.

Maratonista, meu pai corria mais. Todos os membros da família caminhavam, corriam. E para além deles, eu. Que toda semana conseguia ralar os joelhos, nos quais perderam as cicatrizes. Na tentativa de ser a mais rápida, eu era a mais ralada. Se restou alguma lição dos joelhos ralados seria a de que a vida ensinaria a mim que a pressa causaria mais acidentes, que de fato concretizaria ambições: urgentes de serem realizadas, porém que necessitavam do passo lento da paciência.

Para além da pista oficial, havia um caminho alternativo entre as colinas. Nele, uma trilha no chão marcando-o. Porém, para crianças como eu era, não era permitido o passeio solitário. E eu sempre gostei da solidão. Mas meu avô sempre foi ótimo companheiro de travessuras. Logo, pelo caminho alternativo fomos. Também sempre foi bom ouvinte de imaginações aleatórias minhas, o que imperava em nossos passeios.

O bosque ao lado, para além da estrada que contornava a pista, também era seguramente atrativo, ao menos naqueles dias. E por lá fomos também. Mais tarde, o cheiro de grama misturava-se ao cheiro das aleluias, esses insetos voadores que embasam míticas teorias – formigas que

ganham asas no verão, mensageiros de divindades que trazem esperança.

Seis horas. Os postes começam a acender, os cachorros protetores da Universidade a vagar. Os seguranças caminham atentos. E eu dou *sprints*, imito saltos a distância. “Senhoras e senhores, temos uma vencedora e, acreditem ou não, ela tem apenas sete anos de idade!”. Subo no pódio. Número um. Ergo meu troféu invisível e recebo minha medalha de ouro. Beijo-a. Agradeço aos aplausos invisíveis e à plateia imaginária.

Faço amizades com desconhecidos inventando histórias claramente absurdas. Caio, ralo os joelhos. Dessa vez, os cotovelos foram vítimas também. Não choro, era dura na queda. Algo interrompe a todos. O barulho do trem.

Em mistura à terra, ao sangue e às marcas pretas de asfalto na pele, grito em alto e bom som (que cria um eco característico, aliás essa era uma outra atividade obrigatória naquelas tardes: fazer eco) “o treeeeem”. Corro para a borda da grama que rodeia a pista. E ali vinha o trem, trazendo extravagante alegria ao apitar. O barulho dos trilhos, misturado ao apito, me levavam a pular tanto quanto espectadores de um show famoso.

Acenava em despedida àquela carga, que para algum porto ou outra cidade foi. Todos os domingos, o ritual do trem das seis.

Sofia

A matriarca. Olhos azuis, cabelos brancos. Mãos repletas de receitas da antiga pátria. Ritmos rápidos em seus lábios expressavam-se em polonês. *Polski. Dindobre.* Assuntos secretos.

Domingo.

Os netos e filhos vinham.

Sua família assim era: um concerto musical. E Sofia era a maestrina.

A cozinha era sua partitura, criava sons. Sons de gargalhadas, sons de alegria, sons de plenitude. Seus instrumentos eram inúmeros: batata, repolho, ricota, trigo. E o famoso chinelo ganhava forma. Não de dedo, nem de castigo, mas de quase quarenta centímetros de pão, cortado ao meio e repleto de recheios capazes de calar a plateia que descende da matriarca que todos os domingos acordava cedo para apreciá-la brilhar.

Sofia, firme e amável, compartilha a sua amabilidade perante a prole enchendo suas barrigas de uma expressão máxima de amor – a comida.



E-MAIL

alinesviatowski9@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Chaparral Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2021.